

Ecologia e espiritualidade – uma reflexão missiológica

Roberto Zwetsch¹

Resumo: O tema da ecologia e da sustentabilidade da vida no planeta não é apenas uma moda teológica. Ele se revela a cada dia mais crucial para os destinos da humanidade. Por isso é preciso enfrentá-lo com modéstia e efetividade. Neste artigo, o autor chama a atenção para a dimensão *missionária* implicada no tema da ecologia e da sustentabilidade da vida e como, a partir de uma postura de fé, é preciso desenvolver uma espiritualidade corajosa e, ao mesmo tempo, humilde. Trata-se de assumir uma espiritualidade que sustente as comunidades de fé numa caminhada que não se anuncia fácil ou incontroversa. Tal espiritualidade bebe da fonte do evangelho da graça de Deus presente em Jesus Cristo. Simultaneamente, está aberta ao diálogo com outras expressões da sacralidade da existência, como a religiosidade dos povos indígenas e negros. Para o autor, somente uma espiritualidade de libertação responde a esses desafios.

Abstract: The theme of ecology and of the sustainability of life on the planet is not merely a theological fad. Every day it is being revealed as ever more crucial for the destiny of humanity. That is why it is necessary to confront it with modesty and effectiveness. In this article the author calls attention to the *missionary* dimension implicated in the theme of ecology and the sustainability of life and how, based on a posture of faith, it is necessary to develop a courageous spirituality, which is at the same time humble. It is about assuming a spirituality that sustains the communities of faith on a journey that is not proclaimed easy or non-controversial. Such a spirituality drinks from the fountain of the Gospel of the grace of God present in Jesus Christ. Simultaneously, it is open to dialog with other expressions of the sacredness of existence, such as the religiosity of the indigenous and afro descendant peoples. For the author, only a spirituality of liberation answers to these challenges.

Resumen: El tema de la ecología y de la sustentabilidad de la vida en el planeta no es apenas una moda teológica. El se revela cada día más crucial para los destinos de la humanidad. Por eso es necesario enfrentarlo con modestia y efectividad.

¹ Doutor em Teologia, professor de Teologia Prática e Missiologia na Faculdades EST, em São Leopoldo, RS, e secretário executivo de CETELA – Comunidade de Educação Teológica Ecumênica Latino-Americana e Caribenha. Endereço eletrônico: cetela@est.edu.br

En este artículo el autor llama la atención para la dimensión *misionaria* implicada en el tema de la ecología y de la sustentabilidad de la vida, y como a partir de una postura de fe es preciso desenvolver una espiritualidad corajosa y, al mismo tiempo, humilde. Se trata de asumir una espiritualidad que sustente las comunidades de fe en una marcha que no se anuncia fácil o incontestable. Tal espiritualidad bebe de la fuente del evangelio de gracia de Dios presente en Jesús Cristo. Simultáneamente, está abierta al diálogo con otras expresiones de la sacralidad de la existencia, como la religiosidad de los pueblos indígenas y negros. Para el autor, solamente una espiritualidad de liberación responde a estos desafíos.

Palavras-chave: Ecologia, espiritualidade cristã, missão, criação, *éthos* do cuidado

Keywords: Ecology, christian spirituality, mission, creation, care *éthos*

Palabra clave: Ecología, espiritualidad cristiana, misión, creación, *éthos* del cuidado

Introdução

A reflexão teológica contemporânea precisa alargar seus horizontes. O tema da ecologia e da sustentabilidade da vida no planeta não é apenas uma moda teológica. Ele se revela a cada dia mais crucial para os destinos da humanidade neste planeta, que é um pequeno ponto no universo das galáxias.² Mesmo assim, há que enfrentá-lo com modéstia e efetividade. Ainda que nos sintamos muito pequenos diante da enormidade do problema, não podemos nos esquivar da tarefa, até porque o que nos move é a fé no Deus da vida. Neste texto procuro chamar a atenção para a dimensão *missionária* que está implicada no tema da ecologia e da sustentabilidade da vida, e como, a partir de uma postura de fé, é preciso desenvolver uma espiritualidade corajosa e, ao mesmo tempo, humilde, que nos sustente numa caminhada que não se anuncia fácil ou incontroversa.

No momento em que o bispo Dom Luiz Flávio Cappio, em jejum e oração há mais de 20 dias, lá no sertão da Bahia, alça sua voz e oferece sua vida para que um governo eleito por voto popular se digne a repensar o seu projeto de transposição do rio São Francisco e dê ouvidos a outras vozes que colocam alternativas viáveis para minorar a seca do povo do sertão, é mais do que oportuno refletirmos sobre este tema e buscar, a partir dessa reflexão, caminhos que nos ajudem a juntar a prática da fé à luta pela vida em sentido amplo e universal. Esta reflexão é uma modesta proposta para um debate que merece ser mais aprofundado e detalhado no futuro.

1 - Missão e ecologia: a sustentabilidade da criação e o futuro humano na Terra

Leonardo Boff é um dos teólogos da América Latina que mais tem se dedicado ao tema da ecologia como uma das urgências da sociedade latino-americana e da teologia que aqui se produz. Sua visão inclusive ultrapassa a teologia.³ Em sua defesa de uma nova relação não só com a Terra, o planeta,

2 Os resultados da Conferência sobre o Clima no mundo, que acabou de se realizar em Bali, Indonésia, demonstram como o tema interfere nas políticas econômicas dos países mais ricos, que sistematicamente oferecem as maiores resistências a mudanças substanciais nas causas que contribuem para o efeito estufa, as mudanças climáticas e outros temas correlatos. Cf. notícia em **Zero Hora**, Porto Alegre, 16/12/2007, p. 42.

3 Cf. BOFF, L. **Ecologia, Mundialização, Espiritualidade**. A emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993. BOFF, L. **Princípio Terra: A volta à Terra como pátria comum**. São Paulo: Ática, 1995. BOFF, L. **Dignitas Terrae**. Ecologia: gritos da terra, grito dos pobres. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. BOFF, L. **Saber cuidar**. Ética do humano – compaixão pela terra. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

mas também com o cosmo, está presente uma antiga visão que procede dos tempos bíblicos e até antes. No caso da tradição judaico-cristã, o ser humano (*adam*, em hebraico) é criado a partir da terra (*adamá*, em hebraico). Nas tradições dos povos andinos, a Terra é a grande mãe (*Pachamama*), o grande útero que concede e sustenta a vida e os povos da Terra. Segundo a moderna cosmologia, a Terra é um ser vivo (Gaia) em meio ao qual tudo está inter-retro-relacionado, como costuma escrever L. Boff. A questão de fundo que deve ser colocada diante da destruição sistemática a que as diferentes sociedades humanas submeteram a terra e o meio ambiente parece ser a seguinte:

o fato de o ser humano ter se colocado sobre a natureza, em busca de sua emancipação e autonomia, e ter cortado os vínculos afetivos e de significado que com ela mantinha. De ser da natureza passou a ser sobre e contra a natureza. A trajetória humana passou a ser regida, predominantemente, pela vontade de poder e de dominação: o ser humano como senhor absoluto da natureza (antropocentrismo).⁴

Conforme o estudo de Carlos G. Bock, no que se refere à responsabilidade cristã desse longo processo de dominação da terra e da natureza, L. Boff concorda que a fé cristã pode ter contribuído para dar fundamento a essa visão. Mas sua preocupação atual é muito mais prospectiva, devido à urgência do momento que estamos vivendo no atual estágio da história da humanidade sobre o planeta Terra. Seus últimos escritos, então, têm a finalidade recorrente de despertar a consciência ecológica, a partir de uma “nova visão religiosa e espiritual que postule um novo modo de ser no mundo e com a natureza”.⁵

A questão ecológica bate diariamente à nossa porta, seja quando temos de decidir como lidar com o lixo que produzimos, seja na maneira como gastamos energia, água e outros recursos necessários para uma vida confortável. É sabido que o desperdício é um componente tragicamente importante nos dejetos da sociedade brasileira. Mas essa é uma constatação meramente superficial, ainda que importante do ponto de vista de uma **educação ecologicamente responsável**.⁶ Tanto mais urgente, porém, é nos

4 Cf. BOCK, C. G. **Teologia em mosaico**: o novo cenário teológico latino-americano nos anos 90. Rumo a um paradigma ecumênico crítico. Tese (Doutorado). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2002. p. 41.

5 BOCK, 2002, p. 41.

6 Cf. GADOTTI, M. **Pedagogia da terra**. São Paulo: Petrópolis, 2000. p. 74-101. Gadotti escreve sobre a ecoformação e avisa que o “simples fato de aprender a economizar, a reciclar, a compartilhar, a complementar, a preservar, a aceitar a diferença pode representar uma revolução no corpo do sistema” (p. 85). Para ele, a ecopedagogia deve tornar-se um projeto alternativo global na direção de um novo modelo de civilização sustentável do ponto de vista ecológico, um projeto *utópico* que

darmos conta dos macroprocessos que dirigem as decisões dos governos mundiais quanto a temas como: a) o uso das distintas fontes de energia e o crescimento exponencial das economias mundiais; b) a destruição da camada de ozônio e o efeito-estufa por conta da emissão contínua de gases poluentes, sobretudo pelos países ricos do Primeiro Mundo, tendo a frente os EUA⁷; c) como imaginamos o mundo para daqui a 50 ou 100 anos, quando não mais estivermos aqui para corrigir os erros que praticamos hoje.

Eis aí o desafio *missionário* que temos de assumir na questão *ecológica*.⁸ Lutar por mudanças globais e de comportamento é, talvez, ainda mais difícil do que as lutas ideológicas do século passado (socialismo x capitalismo). As resistências que encontramos são exponenciais. Países como EUA, Alemanha, Japão, França, Inglaterra e outros, que utilizam intensamente a maior parte da energia disponível no planeta com vistas a manter um padrão de consumo completamente insustentável para o resto do mundo, dificilmente aceitam mudanças substantivas em seus objetivos nacionais, econômicos, políticos, sociais. É de conhecimento geral que os EUA não assinaram o **Protocolo de Kyoto**, um documento internacional assinado em 1997 por vários países industrializados e no qual esses países se comprometem com um programa de redução de emissão de gases até 2012, da ordem de tímidos 5% em comparação com o ano de 1990. Ora, mesmo esse propósito não foi até o momento aceito pelos EUA, que temem que a decisão prejudique os interesses de suas empresas e do seu estilo de vida.

Países como Índia, China ou Brasil também resistem a mudanças dessa ordem. No caso do Brasil, que começa a entrar num novo ritmo de crescimento econômico e está para deslanchar um grande projeto de produção de energia biossustentável (etanol da cana-de-açúcar, uso de grãos para produção de biodiesel), o que se percebe é a dificuldade para transformar os objetivos do crescimento econômico necessário para diminuir a pobreza e tornar a economia sustentável num planejamento ecologicamente viável para as gerações futuras. Debates como a utilização dos recursos imensos da riqueza natural da floresta amazônica, o novo projeto de transposição das águas do rio São Francisco, a recente decisão de concluir a construção da usina nuclear de Angra III, o plano de construção de novas usinas hidrelétricas e tantos outros projetos de grande impacto causam debates exaltados, por vezes atitudes extremas de

implica mudar as relações humanas, sociais e ambientais que prevalecem atualmente. Este é o sentido da *pedagogia da Terra* (p. 94).

7 Cf. BOFF, 1993, p. 24.

8 Cf. CASTRO, C. P. de (Org.). **Meio ambiente e missão**. A responsabilidade ecológica das igrejas. São Bernardo do Campo: Editeo, 2003.

resistência, como foi a greve de fome de Dom Luiz Flávio Cappio, na Bahia, em 2005, para contestar o projeto da transposição do São Francisco. O novo jejum que Dom Cappio realizou em dezembro de 2008 foi mais radical na exigência ao governo brasileiro. Em outros países da América Latina, há problemas semelhantes, como é o caso da luta contra a privatização dos serviços de água na Bolívia⁹, ou os projetos multinacionais de plantio da monocultura da palma africana no Pacífico colombiano, projetos que estão afetando comunidades afro-colombianas e também indígenas.

Quer dizer, a missão da igreja cristã nesse particular mais uma vez nos convoca a abrir os olhos e erguer a voz em defesa dos direitos da própria criação quanto ao cuidado humano. O critério da precaução referente a questões que envolvem a pesquisa com genes e células-tronco deveria ser estendido a outros campos das atividades humanas. **Precaução, cuidado e responsabilidade quanto ao uso dos recursos não-renováveis da terra são atitudes que definitivamente precisam ser incorporadas ao ser cristão no século 21.**¹⁰ Menos que isso significa omissão grave na defesa da vida, dom de Deus. A esse desafio junte-se a **ética compassiva** proposta por Leonardo Boff, tanto entre os seres humanos quanto em relação ao planeta Terra. **Para Boff, o cuidado como característica do *éthos* humano faz parte do modo de ser essencial da humanidade.** Cuidar é mais que um ato. É uma atitude de preocupação, de responsabilização e de envolvimento afetivo com o outro. Sem o cuidado, o ser humano deixa de ser *humano*.¹¹ Colocar cuidado em tudo o que faz ou imagina é característica humana essencial e singular. E isso vale tanto para a esfera humana quanto na relação com o meio ambiente e o próprio cosmo. Para que o futuro seja diferente do que hoje está projetado nas estatísticas e no desdobramento do que já aconteceu e está planejado, **é urgente assumir este novo *éthos* do cuidado**, de sinergia, de benevolência e paz para com a Terra, a vida, a sociedade e o destino das pessoas, especialmente das grandes majorias empobrecidas da Terra, afirma L. Boff.¹²

9 Cf. GARCÍA ORELLANA, A. et al. **La “guerra del agua”**. Abril de 2000: la crisis de la política en Bolivia. La Paz: PIEB, 2003, que analisa a guerra da água em Cochabamba, no ano de 2000.

10 É urgente retomar o Primeiro Artigo do Credo Apostólico e elaborar uma teologia da criação ecologicamente relevante seguindo as orientações abertas por teólogos como Jürgen Moltmann, Leonardo Boff, Roy H. May, Ivone Gebara e tantas outras teólogas que elaboram o ecofeminismo.

11 Um morador de rua no centro da cidade de São Paulo escreveu o seguinte num muro: *ser/ um/ mano*, eis a questão! Devo esta citação à colega pastora Vera Cristina Weissheimer.

12 Cf. BOFF, 1999, p. 39. O teólogo sul-africano Steve de GRUCHY, da Universidade Kwazulu, de Natal, defende a proposta de uma Agenda Oliva, que une num só processo a luta por justiça social (o caroço da azeitona) com a luta em defesa da preservação ambiental (a polpa verde da azeitona, fruto da oliveira, aliás, árvore muito importante na geografia da Palestina!).

Participei de um encontro sobre Missão e Criação, em 2006, em Genebra, promovido pelo Centro Internacional John Knox, da Igreja Reformada da Suíça. Segundo o moderador do evento, Dr. Lukas Vischer, as igrejas cristãs pouco têm se manifestado sobre as questões ambientais e os graves problemas de meio ambiente e sustentabilidade da vida no planeta, embora tenham sido reiteradamente alertadas por especialistas, teólogos e teólogas. Ao mesmo tempo, há ainda menos envolvimento das comunidades cristãs locais em ações e projetos voltados para uma relação ecologicamente preservacionista, tanto em relação ao uso dos recursos naturais quanto na relação mesma com a terra, a água e o ar.¹³ Ao final do evento foi elaborada uma Carta às Igrejas que começa com as seguintes palavras:

As evidências não podem ser mais negadas. A atividade humana está causando danos irreparáveis na criação de Deus. Os recursos naturais estão sendo super-explorados [sic]. O ar, o solo e a água sofrem com a poluição. Incrédulos, nós nos tornamos conscientes da destruição e extinção que trouxemos em muitas partes da criação. As conseqüências são devastadoras.¹⁴

Ouvimos relatos contundentes da África, da Índia, da Grécia, dos EUA, do Canadá, da Alemanha, da Irlanda, da Indonésia, da China, da Austrália, no que diz respeito às questões de preservação ecológica e da teologia da criação. Coube-me apresentar um relato sobre minha experiência na Amazônia brasileira adquirida junto a diferentes comunidades indígenas, com as quais desenvolvi um trabalho missionário, junto com outras pessoas, por quase dez anos. Em minha apresentação¹⁵, destaquei cinco pontos que me parecem centrais no diálogo com os povos indígenas, com os quais temos muito que aprender, especialmente diante da crise ecológica com a qual o mundo atual se depara:

1 - O poema da criação, a partir de um mito de criação dos Mbyá-Guarani do Paraguai, narra como Ñanderuvusú, o Grande Pai, chamou à existência o mundo, as plantas, os animais e o primeiro ser humano, Ñanderú-

13 Em 2006, houve um vazamento de dejetos altamente tóxicos provocado por empresas coureiro-calcadistas da região do Vale do Sinos, no RS, com a morte de toneladas de peixes no rio do mesmo nome. Houve muitas manifestações da sociedade civil, mas as comunidades cristãs locais praticamente não se manifestaram sobre um fato de extrema gravidade para o meio ambiente e a vida das populações da região.

14 Cf. **Witnessing in the Midst of a Suffering Creation – a Challenge for the Mission of the Church.** A Letter to Churches, Mission Agencies and all Christians concerned with the Church's Mission. Geneva: John Knox Centre, 2007. p. 3s.

15 Cf. ZWETSCH, R. God, Creation and Indigenous Peoples. In: **Witnessing in the Midst of a Suffering Creation.** Report and Papers from an International Consultation at the John Knox Centre, Geneva, from 17 to 21 September, 2006. Geneva: John Knox International Reformed Centre, 2007. p. 212-230.

Arandú, aquele que dialoga com o criador e recebe dele o mandato de cuidar da terra. Segundo este mito, os seres humanos são companheiros de Deus e, como tais, co-criadores.¹⁶ É um texto de uma profundidade e beleza ímpares e guarda muitas semelhanças com os relatos do Gênesis.¹⁷ Na busca por uma ética do cuidado com a criação e o meio ambiente, certamente temos muito a aprender dos povos indígenas.

2 - A conquista como uma história de destruição. Sendo honestos, precisamos admitir que a destruição do meio ambiente, na América Latina, tem uma longa história. Remonta não apenas à civilização industrial, que seguramente agravou e muito o problema, mas à colonização ibérica desde o final do século 15, com o massacre dos povos indígenas e a dilapidação de muitos dos recursos naturais considerados então como extremamente valiosos para os europeus, como, por exemplo, madeiras, minérios, plantas exóticas e outras riquezas auferidas com base no trabalho escravo de indígenas e de negros trazidos da África.¹⁸

3 - O poder do mito, baseado num mito do povo Yanomami, narrado por Davi Kopenáua Yanomami, em sua língua e depois traduzido para o português. Nele, os Yanomami descrevem o que poderá acontecer com a Terra se continuar a destruição da floresta amazônica com as mineradoras e os garimpos de ouro e outros metais. Esse povo acredita que, ao se retirar o metal do fundo da terra, dele se desprende uma fumaça – *xawara* – que sobe para a atmosfera, causando doenças e matando muita gente até que não haja mais moradores na face da Terra, sejam indígenas, sejam garimpeiros ou mineradoras. Os pajés Yanomami afirmam que a Terra só não foi ainda destruída pelo fogo devorador por causa de suas danças e rezas. Eles vicariamente ajudam a “sustentar o céu”, como explicou Davi Kopenáua.¹⁹

16 Do ponto de vista da teologia cristã da criação, haveria que desdobrar a concepção da criação contínua, isto é, a ação criadora contínua de Deus na sua criação. Devo esta observação ao teólogo Helción Ribeiro.

17 BAREIRO SAGUIER, R. (Comp.). **Literatura Guaraní del Paraguay**. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1980. p. 227ss. A versão livre apresentada é da autoria do escritor paraguaio Augusto Roa Bastos. O texto original colhido por Leon Cadogan encontra-se na mesma publicação, p. 11-15, sob o título **Ayvú Rapyta** (Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Guairá).

18 Cf. **Concilium**, Petrópolis, n. 232, 1990. Todo o exemplar é dedicado a ouvir a Voz das Vítimas no contexto da preparação das comemorações dos 500 anos da América no ano de 1992.

19 Cf. AÇÃO PELA CIDADANIA 1990. **Yanomami: a todos os povos da terra**. São Paulo: CCPY, Cedi, NDI, 1990. p. 10-15. O texto reproduzido no exemplo estudado é uma compilação do depoimento de Davi Kopenawa Yanomami ao antropólogo Bruce Albert, feito na língua yanomami e traduzido para o português pelo pesquisador. Davi revela a visão de um jovem pajé da aldeia Demini sobre o drama vivido por seu povo.

4 - Ainda assim, há sinais de esperança. Apesar de minoritários e praticamente sem poder político ou econômico, os povos indígenas têm conseguido erguer suas vozes e conquistar direitos há muito reivindicados. Em alguns casos, como no Equador e na Bolívia, há tentativas de mudar a sociedade através de um *modo indígena de governar*, o que tem suscitado apoios, controvérsias e resistências, sobretudo por parte de setores que tradicionalmente detinham o poder político nesses países. Outra novidade é o surgimento de teologias indígenas que estão colocando para o debate teológico na América Latina pelo menos três questões particularmente relevantes e atuais: 1) o poder ecológico, presente nos modos de vida dos povos indígenas; 2) a interdependência de todos os seres na natureza, a ponto de o teólogo Aiban Wagua, do povo Kuna do Panamá, falar de um “cosmossentimento”, que traduz a relação de fraternidade que a humanidade deveria ter com todos os seres da natureza; 3) a centralidade da Terra na vida, na filosofia e na forma de o povo se relacionar com o meio ambiente. A Terra é sagrada para a maioria dos povos indígenas, por isso deve-se tratá-la com amor e respeito. Tudo o que fere a terra, fere também os filhos e filhas da terra, diz um aforismo indígena que já faz parte do imaginário de muitas pessoas ligadas às causas ambientalistas.²⁰

5 - A utopia da *terra sem males*. Faço referência neste ponto ao mito Guarani em que sobressaem quatro aspectos importantes para a vida humana na Terra: a solidariedade, a reciprocidade, a comunitariedade e a interdependência. Há duas interpretações dessa utopia. A primeira, fruto do medo provocado pela destruição da terra devido à invasão colonialista, fez com que muitos grupos caminhassem até o interior do continente, bem longe do mar, até chegar o momento de ascender às regiões celestes através de rituais e cantos e alcançar a terra plena e boa, onde não haverá nem morte, nem fome, nem dor. Mas essa interpretação precisa ser corrigida por outra, mais realista e de acordo com as lutas indígenas atuais.

Para os Mbyá-Guarani contemporâneos, a terra sem males é uma terra boa e fértil, um lugar guardado e protegido, onde existem plantas e animais que formam o mundo original dos Guarani e onde até as próprias pessoas experimentam condições favoráveis para uma vida em plenitude. Essa terra produz não apenas o alimento necessário à vida, mas também

20 Sobre as teologias indígenas, cf. CHAMORRO, G. Gracia y des-gracia indígena en Abya-Yala. In: CARDOSO, N.; EGGERT, E.; MUSSKOPF, A. S. (Orgs.). **A graça do mundo transforma Deus**. Diálogos latino-americanos com a IX Assembléia do CMI. Porto Alegre: Metodista, 2006. p. 53-63. Cf. ainda TORRE, M. de La; ZWETSCH, R. (Orgs.). **Diaconia y solidaridad desde los pueblos indígenas**. São Leopoldo: Sinodal, EST, CETELA, 2007.

inspiração para rezar e cantar. Para alcançar essa terra, os Guarani caminham. São povos que estão a caminho em busca de uma terra sem males. Vivem numa grande região entre o oeste e leste brasileiro, o leste do Paraguai e o noroeste da Argentina. Sua luta é reconquistar espaços de vida, restos de terras tradicionais em que possam desenvolver seu modo de ser específico. Esse povo busca lugares protegidos pela legislação para não se tornar mão-de-obra escrava de empreendimentos agrícolas baseados na monocultura da soja ou da cana-de-açúcar. Nessa terra, as comunidades poderão viver a solidariedade que se realiza por meio da reciprocidade, do dar, receber e retribuir típico em muitos povos. Na comunidade se poderá viver a plenitude da interdependência que garante não só a sobrevivência, mas fundamentalmente a alegria de viver.²¹

A tragédia que se abateu sobre os povos indígenas, desde os tempos coloniais, continua até hoje a afetar sua vida e seu futuro. Mesmo os territórios oficialmente reconhecidos e demarcados continuam sendo invadidos por projetos de toda natureza: fazendas, hidrelétricas, monoculturas (como a palma africana, na Colômbia, ou o eucalipto das empresas de produção de papel no Espírito Santo ou na Argentina), mineradoras, madeireiras, construção de estradas e tantos outros. Grande parte desses povos são minorias muito frágeis, social e politicamente, para fazer valer seus direitos diante de interesses tão poderosos. Necessitam do apoio da sociedade civil, de organizações não-governamentais e das igrejas cristãs, e mesmo de setores esclarecidos dos governos, grupos estes que precisam rever constantemente suas metodologias e práticas sociais, superando práticas paternalistas ou o batido assistencialismo.

Sinal esperançoso é que os movimentos indígenas vêm se fortalecendo e ganhando espaço tanto na sociedade ou na mídia quanto em certas estruturas de governo, em toda a América Latina. No Brasil, recentemente, os Guarani e Tupiniquim do Espírito Santo foram vitoriosos em sua demanda pela terra contra a ocupação da multinacional Aracruz Celulose.

Evidentemente, não é possível imaginar que as condições anteriores à conquista colonial possam voltar a existir no futuro. Nem os povos indí-

21 Cf. CHAMORRO, apud CARDOSO; EGGERT; MUSSKOPF, 2006, p. 58. Cf. CLASTRES, H. C. **La terre sans mal**. Le prophétisme tupi-guarani. Paris: Ed. du Seuil, 1975. MELIÀ, B. A experiência religiosa Guarani. In: MARZAL, M. et al. **O rosto índio de Deus**. São Paulo: Vozes, 1989. Tomo I, p. 293-357. Para uma interpretação da reciprocidade entre os Kulina, cf. ALTMANN, L. **Madija: um povo entre a floresta e o rio**. Trilhas da produção simbólica Kulina. Dissertação (Mestrado). São Bernardo do Campo: IMES, 1994. Uma das razões do alto índice de suicídios que ocorre em comunidades Guarani do Mato Grosso do Sul é justamente a ausência de um território onde este povo possa viver o seu modo de ser, plantar, cantar, dançar e rezar.

genas poderão realizar plenamente aquilo que os seus mitos anunciam e projetam. Em muitos casos, a vida nas aldeias e comunidades sofreu mudanças drásticas no estilo e na forma de organizar a subsistência, a reprodução da vida e a educação das novas gerações. O que surpreende é a capacidade que muitas dessas microssociedades têm de se atualizar, incorporando novas técnicas e mesmo novos valores sem, no entanto, deixar seu próprio modo de ser. Nesse sentido, é a visão proporcionada por seus mitos e a espiritualidade neles contida que lhes permitiu resistir por tanto tempo. As igrejas cristãs precisam reconhecer a necessidade de estabelecer um novo relacionamento com esses povos para aprender a ouvir de suas sabedorias e perspectivas de vida, para encontrar caminhos comuns de convivência e reciprocidade. Sobretudo, porque com os povos indígenas podemos reaprender uma nova relação com a terra e o cosmo, relação de cooperação e cuidado e não de simples exploração que leva ao esgotamento dos recursos naturais, como temos visto. Missão nesse caso é, primeiramente, o esforço para ouvir e entender o que eles estão querendo nos dizer. Em síntese, três aspectos da crise ecológica podemos aprender com os povos indígenas: a sensibilidade ecológica, o senso de interdependência de todas as coisas e o lugar central que a Terra ocupa como ente sagrado na existência humana sobre o planeta. Não é por acaso que muitos povos denominam a Terra de Mãe ou *Pachamama* (como nos povos andinos). Esta nomenclatura expressa corretamente a relação que deveria prevalecer entre a Terra e todos os seres vivos. No caso dos Mbyá-Guarani, a visão de uma *terra sem males* é um símbolo dessa perspectiva de vida que dignifica tanto a Terra como a humanidade que nela vive e constrói sua história e seu futuro.

2 - Ecologia, missão e espiritualidade – vivência de gente cheia de graça²²

A teologia latino-americana trouxe como novidade uma característica própria: ela nasceu como uma caminhada espiritual no meio do povo de Deus da América Latina, sobretudo entre os mais pobres. Gustavo Gutiérrez afirmou que a espiritualidade é, na verdade, a metodologia dessa teologia.

22 Retomo aqui o que escrevi em outro lugar: cf. ZWETSCH, R. E. Evangelho, missão e culturas – o desafio do século XXI. In: SCHNEIDER-HARPPRECHT, C. (Org.). **Teologia prática no contexto da América Latina**. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: ASTE, 1998. p. 239-242. Cf. ainda ZWETSCH, R. E. Espiritualidade e antropologia. Um diálogo com Leonardo Boff. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 38, n. 2, p. 141-155, 1998.

Na base da reflexão teológica está um encontro com Jesus Cristo, que nos interpela de modo particular no rosto do *outro*.²³

Tal experiência tem sido descrita como uma caminhada de seguimento ou discipulado. Seguir os passos de Jesus na América Latina implica opções concretas em favor da justiça, da liberdade e de uma concepção ativa de luta pela paz e pela preservação da natureza. Essas opções, tanto individuais como comunitárias, não são fáceis. Requerem despojamento, conversão e exercício da misericórdia enquanto solidariedade permanente, sem o que o discurso teológico acerca da justiça do reinado de Deus corre o risco de se tornar piedoso ou vazio, o que compromete o testemunho do evangelho e sua credibilidade.

Espiritualidade é uma palavra difícil de definir. Há muitas perspectivas a partir das quais se pode entender a palavra e a realidade à qual ela remete e procura descrever. Do ponto de vista da fé cristã, espiritualidade é a vivência da fé sob a ação do Espírito Santo. Os profetas entendem a fidelidade a Javé como “andar nas suas veredas” (Miquéias 4.2; Zacarias 4.7; Ezequiel 20.19). Paulo usa a expressão “andar no Espírito” (Gálatas 5.16; 5.25; Filipenses 3.16), que significa “andar segundo o amor fraternal” (Romanos 14.15). Trata-se, pois, de uma vivência concreta em meio à comunidade e outras pessoas. E essa caminhada no Espírito conduz ao reinado de Deus: “Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14.17). A espiritualidade abarca a vida integral da pessoa cristã. Ela é uma experiência radical de gratuidade que se realiza passo a passo no seguimento de Jesus de Nazaré.²⁴

Hermann Brandt, em diálogo com a teologia latino-americana, explica que a espiritualidade da libertação não é apenas um tópico em diferentes livros, mas uma “fórmula na qual se pode resumir, em termos gerais, a nova compreensão de espiritualidade obtida na América Latina depois de Medellín”²⁵.

Tal concepção de espiritualidade se vive em situações as mais diversas e por vezes inusitadas. Mas um denominador comum é compreendê-la como uma vivência de entrega e solidariedade com o irmão ou irmã oprimido. Brandt fala mesmo de uma “latino-americanização” da história do grande

23 Cf. GUTIÉRREZ, G. **Beber no próprio poço**. Itinerário espiritual de um povo. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 9 e 150, especialmente o capítulo 2.

24 Cf. ZWETSCH, R. E. Espiritualidade na vertigem do tempo. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 40, n. 2, p. 40-52, 2000.

25 Cf. BRANDT, H. **Espiritualidade – vivência da graça**. 2. ed. revisada. São Leopoldo: Sinodal, EST, 2006. p. 33.

juízo, isto é, a releitura de Mateus 25.31-46. E isso não só no campo da teologia pastoral católico-romana. O pastor luterano Ernesto Th. Schlieper, em 1967, pregando sobre esse texto numa comunidade, afirmou:

Cristo solidarizou-se conosco, inteiramente, tomando sobre si as nossas enfermidades, levando consigo para a cruz os nossos pecados. E é Ele quem nos mostra o outro para que nele vejamos o nosso irmão. É Cristo quem nos espera por detrás do semblante do irmão, e isso quer dizer em primeiro lugar: do irmão que sofre, que é oprimido, que necessita de alguém que lhe seja irmão, e do qual Cristo disse: “O que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim é o que o fizestes” (Mt 25.40). De tanta importância é para Cristo o outro, o homem necessitado, que Cristo se identifica com ele: “O que a ele fizestes, a mim é que o fizestes”. E com essa palavra nos diz o que lhe é importante e essencial: que haja misericórdia e solidariedade fraternal entre nós; que desapareça de nosso meio e em nossa atitude toda espécie de egoísmo; que vejamos no outro, seja ele quem for, o semblante de Cristo, com o seu olhar sobre nós, esperando pela nossa resposta ao seu amor.²⁶

Espiritualidade é viver segundo o Espírito de Cristo e isso significa experimentar a liberdade cristã (2 Coríntios 3.17). Paulo foi o primeiro teólogo cristão que tirou essa consequência da fé em Cristo para a vida cristã individual e comunitária. Sua Carta aos Gálatas é um verdadeiro clássico da liberdade cristã (Gálatas 5.1ss). E tal liberdade para a qual fomos chamados por Cristo implica a “fé que atua pelo amor”. Pela fé somos livres para “servir uns aos outros, pelo amor”. Com realismo, porém, Paulo alerta: “Se vós, porém, vos mordeis e devorais uns aos outros, vede que não sejais mutuamente destruídos” (Gálatas 5.15). Tão importante é essa compreensão original da fé que Tiago chega a falar da “lei da liberdade” (Tiago 1.25). Seremos julgados pela “lei da liberdade” (Tiago 2.12) e esta acontece existencialmente na história de cada qual como vivência da misericórdia: “Porque o juízo é sem misericórdia para com aquele que não usou de misericórdia. A misericórdia triunfa sobre o juízo” (Tiago 2.13).

Paulo reafirma essa teologia na Carta aos Romanos, no seu debate sobre o destino do povo de Israel em relação aos gentios (Romanos 9-11), ao concluir que Deus encerrou todas as pessoas na desobediência para, ao fim, usar de misericórdia para com todas elas (Romanos 11.32). A mesma conclusão aparece no capítulo 13. Ele escreveu: “A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros; pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei” (Romanos 13.8).

26 SCHLIEPER, E. T. *Testemunho evangélico na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 1974. p. 169.

A espiritualidade cristã é visceralmente *corporal*. Ela alia corpo, tempo e eternidade. Por isso uma espiritualidade que nega o corpo, que afoga a emoção, que se torna indiferente diante do sofrimento alheio que inunda o mundo, que despreza o alerta em relação à crise ambiental que acossa a humanidade, tal espiritualidade não corresponde ao núcleo da vivência da fé cristã. Uma espiritualidade que nega a vida e a paixão de viver não é de Deus. Ao menos, não do Deus de Jesus, de Paulo, de Lutero, de Calvino, de João Wesley, de Dietrich Bonhoeffer, do papa João XXIII, de Dom Oscar Romero, de Dom Helder Câmara, de Monsenhor Angelelli, de Martin Luther King, de Santo Dias da Silva, de Chico Mendes, dos jesuítas de El Salvador, da irmã Dorothy Stang, da irmã Doraci Edinger, de tantos e tantos mártires, homens e mulheres de fé, que entregaram suas vidas na luta por justiça, paz e liberdade, regando com seu sangue a caminhada da igreja cristã e anunciando de forma radical que a vida tem sentido e a esperança continua viva, embora oculta no Deus vivo, que se manifesta normalmente *sub contrario*, mas que vem e virá, conforme sua promessa.

A grande novidade da fé cristã é que, em Cristo, a esperança já está presente como realização, ainda que aguardemos a manifestação plena da glória dos filhos e filhas de Deus. Essa articulação entre o futuro de Deus e o presente de luta, pecado, limitações, pequenas vitórias, é uma experiência de cruz e ressurreição, de perdão e liberdade, de generosidade e aceitação, de cuidado e libertação. Em resumo, pode-se afirmar que a espiritualidade cristã se traduz em serviço libertador, diaconia que questiona a subserviência, o paternalismo e o individualismo.²⁷ Diante de relações desiguais e escravizadoras, da dominação e desperdício dos recursos naturais, a espiritualidade cristã propõe a cooperação, a convivência, a partilha e a busca comum por novas alternativas.²⁸ Nesse sentido, a espiritualidade cristã contempla uma dimensão *política* irrenunciável, porque se coloca no rumo de quem não se conforma com este mundo, mas luta por transformá-lo (Romanos 12.1s). Por isso mesmo a espiritualidade cristã entendida como serviço libertador pode ser traduzida no cotidiano de nossas vidas como *cidadania responsável* (Filipenses 1.27ss).²⁹ Quando assistimos a um bispo da

27 Pode-se recorrer a muitos textos bíblicos para elaborar uma espiritualidade ecológica relevante para a vida cristã e as comunidades de fé. Três textos particularmente importantes são o Salmo 19, Romanos 8.19-23 e a profecia de Apocalipse 21.1-5. Cf. meditação de TILLICH, P. También la naturaleza se lamenta por un bien perdido. In: MAY, R. H. **Ética y Medio Ambiente**. Hacia una vida sostenible. San José, Costa Rica: DEI, 2004. p. 147-155.

28 Cf. SINNER, R. v. **Confiança e convivência**. Reflexões éticas e ecumênicas. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

29 O texto de Filipenses 1.27 pode ser traduzido da seguinte forma, conforme o verbo original em grego (*politéuste*): “Vivei a vossa cidadania, acima de tudo, por modo digno do evangelho de

igreja católica romana começar um jejum para mover corações e projetos que destroem o meio ambiente e a vida de muitas pessoas no sertão do Nordeste brasileiro e, nesse ato, chegar ao extremo de oferecer sua vida para um bem coletivo, encontramos-nos diante de uma manifestação de espiritualidade cristã que questiona a vivência de uma fé domesticada pelas forças do sistema de vida em que estamos inseridos.

Temos que convir, portanto, que a crise da evangelização, da missão e da reflexão teológica questiona a fé e a espiritualidade cristãs. Nesse sentido, a espiritualidade libertadora constitui-se num desafio tanto para as comunidades de fé como para cada pessoa que delas participa, também nós, teólogas e teólogos. O que vamos descobrindo e aprendendo – a duras penas – é que tal espiritualidade nos compromete em primeira instância com os pobres, desvalidos, as pessoas com deficiência, os povos indígenas, as comunidades afro, os sem-lugar, sem-vez e sem-voz. A partir daí, entretanto, ela se abre para toda experiência humana e mesmo para as lutas ecológicas. Por isso a espiritualidade libertadora como dimensão essencial da caminhada missionária se configura existencialmente como uma espiritualidade aberta a outras áreas da condição humana, fundamentais para a vida e a construção de alternativas. Refiro-me à música, à literatura, à pintura, ao teatro, ao cinema, à arte e ao protesto, nos quais transparece e é tematizada a vida humana em toda a sua riqueza, tragédia e relevância.³⁰ Penso, por exemplo, no enfoque que certas obras têm dado na América Latina a questões como o sofrimento de pessoas portadoras do vírus HIV, a vivência de pessoas homossexuais, experiências dramáticas como o aborto, o desamparo das separações entre casais, ou ainda a situação da criança que vive nas ruas, de meninas e meninos compulsoriamente prostituídos, de trabalhadores e trabalhadoras desempregados, o drama de migrantes e imigrantes ilegais, a resistência de indígenas e negros para serem reconhecidos na sociedade, a luta em defesa da natureza e tantas outras situações de vida que clamam por atenção e cuidado. Quando a arte trata desses assuntos, cabe à teologia estar deveras atenta, pois é nessa arte que a vida pulsa e desafia a fé.³¹ A arte

Cristo [...] lutando juntos pela fé evangélica”. Devo essa informação a Nélio Schneider, teólogo do Novo Testamento. Cf. ZWETSCH, R. E. Cidadania e modernidade. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, ano 34, n. 1, p. 20-31, 1994.

30 Em relação à análise teológica do cinema, cf. SANTOS, J. M. G. dos. **Por uma teologia da imagem em movimento**: a troca de olhar com o cinema a partir da obra de Andrei A. Tarkovski, no horizonte da teologia de Paul Tillich. Tese (Doutorado). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2006.

31 Uma experiência recente que vivemos aqui no Morro do Espelho foi assistir ao filme **Anjos do Sol**, do diretor Rudi LAGEMANN, num evento patrocinado pela Associação de Ex-Alunos do antigo Instituto Pré-Teológico. Cf. mais informações sobre essa película in <www.caradecao.com.br>. O

tem a virtude de questionar sistemas fechados e mentalidades estreitas.³² O protesto social, individual ou coletivo, recoloca na cena política a discussão em torno de temas indesejados como a defesa das terras indígenas, dos territórios quilombolas ou a própria utilização dos recursos hídricos de um grande rio como o São Francisco. Esse protesto passa a exigir sobretudo das autoridades atenção, debate democrático e novas soluções.

Outra característica dessa espiritualidade é a nova hermenêutica bíblica que se espalhou por todo o continente através de uma nova chave de leitura da palavra de Deus. A partir da relação fé-vida, essa releitura bíblica contribuiu para um impressionante movimento de redescoberta da Bíblia nos meios populares. Em certos casos, tem ocorrido a metodologia da leitura *orante* da Bíblia, na qual são precisamente as pessoas mais pobres, menos preparadas em termos teológicos, que abrem novas perspectivas de interpretação bíblica, precisamente porque sua interpretação parte da vida como a situação concreta que permite compreender de forma renovada os atos salvadores e libertadores de Deus, no passado e no presente. A palavra de Deus que morde a realidade da vida revela possibilidades insuspeitadas e, por isso, não volta vazia, mas faz aquilo que Deus prometeu (Isaías 55.11; Lucas 4.16ss; 1 Coríntios 1.26ss; Gálatas 3.26ss; 5.1ss; 2 Coríntios 3.17). Uma experiência de liberdade reacende a esperança onde parecia não haver mais esperança. Esta experiência *espiritual* é de um valor extraordinário.³³

Em suma, a espiritualidade libertadora como fonte e motivação para a ação missionária assume formas diferenciadas de vivência da fé no evangelho, sob a ação transformadora do Espírito de Cristo. Ela se expressa num estilo de vida exigente, por vezes radical, que pode ser assim descrito:

filme ganhou diversos prêmios no Festival Internacional de Gramado e foi escolhido pelo Ministério da Justiça como material didático de alta qualidade. Cinco mil cópias serão distribuídas nas escolas públicas brasileiras para atividades pedagógicas, de conscientização e sensibilização.

32 Há muitos exemplos eloqüentes da arte cristã contemporânea. Penso na **Missã da Terra Sem Males**, um trabalho conjunto dos poetas Dom Pedro CASALDÁLIGA, Pedro TIERRA e o músico Martin COPLAS, da Argentina. E também na **Missã dos Quilombos**, com poesia de Dom Pedro e Pedro Tierra, novamente, e música de Milton NASCIMENTO. Cf. ainda CARDENAL, E. **Salmos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979. CARDENAL, E. **Antologia**. Managua: Nueva Nicaragua, Monimbó, 1983. CASALDÁLIGA, P. **Antologia retirante**. Poemas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. CASALDÁLIGA, P. **Cantigas menores**. 2. ed. Goiânia: Editora da UCG, 2003. PRADO, A. **Poesia reunida**. São Paulo: Siciliano, 1991. ALVES, R. A. **O poeta, o guerreiro, o profeta**. Petrópolis: Vozes, 1992. TREVISAN, A. **O rosto de Cristo**. A formação do imaginário e da arte cristã. Porto Alegre: AGE, 2003.

33 Cf. DREHER, C. A. **O caminho de Emaús**. São Leopoldo: CEBI, 2004. Cf. BRANDT, 2006, p. 117-138, com uma avaliação positiva da leitura popular da Bíblia na América Latina (especialmente p. 121s).

- Vive a conversão como processo contínuo de mudança de mentalidade e atitudes, a partir da interpelação de Deus no outro, no qual Cristo se apresenta *sub contrario*;
- Assume um modo de vida simples, mas não ingênuo;
- Experimenta a graça de Deus como libertação e abertura ao outro e busca uma aproximação respeitosa;
- Entende a luta por justiça e transformação de estruturas como desafio à própria fé e não como algo opcional;
- Compreende que a preservação da natureza é parte da afirmação do credo cristão na atualidade e opta por uma vida em coerência com a sustentabilidade do planeta;³⁴
- Aprende a conviver com a dúvida e a incerteza, sem sucumbir a elas;
- Abre-se à diversidade humana e busca compreendê-la com a ajuda de outras ciências além da teologia;
- Enfrenta a tentação e aprende a não julgar, mas a perceber a radicalidade do que significa amar o próximo como a si mesmo;
- Aprende a ouvir a palavra de Deus e a ouvir o outro com o coração e não apenas com a razão.³⁵

Ao assumirmos a espiritualidade libertadora como referencial da prática missionária e da caminhada de fé no âmbito da missão de Deus, precisamos contar com diversas implicações: a superação de velhos preconceitos, a mudança de mentalidade e a cumplicidade com o destino do outro diferente de nós, o que inclui, sem dúvida, a natureza que não é inimiga, mas parceira da humanidade e assim deve ser tratada e reverenciada. São conseqüências da fé enquanto liberdade para servir, como expôs Lutero no seu livro *Da liberdade cristã*³⁶. Quando o Novo Testamento fala de carregar cada um a sua cruz e seguir Jesus, não cabe entender essa exortação em sentido moralista, como sói acontecer. Trata-se, antes, de assumir as conseqüências do discipulado, do seguimento de Jesus, de modo lúcido e crítico, usufruindo uma liberdade espiritual e alegre que caracterizam a fé

34 Nesse aspecto de uma espiritualidade ecológica é que a revalorização e contextualização do Primeiro Artigo do Credo Apostólico ganha relevância e se constitui num desafio para cristãos e não-cristãos.

35 Cf. BRANDT, 2006, p. 67, em que o autor identifica a vivência da missão, na América Latina, como *paixão*.

36 Cf. LUTERO, M. **Da liberdade cristã**. 5. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

no evangelho: “Quem quiser salvar a sua vida, perdê-la-á; mas quem perder a vida por minha causa, achá-la-á” (Mateus 16.25).

A espiritualidade da libertação tem aprendido a beber no próprio poço, como escreveu Gustavo Gutiérrez. Quando tudo parece perdido e sem brilho, quando o cansaço e a fraqueza estão a ponto de nos vencer, a boca ousa se abrir na prece e no canto comunitário (Romanos 8.20-26; 2 Coríntios 6.4-10). No contexto da espiritualidade libertadora, a oração, a leitura e meditação dos salmos, a partilha do pão e do vinho na mesa do Senhor, a escuta e a interpretação da palavra do evangelho, a confissão e a mútua consolação que emerge da conversa íntima e reparadora, a solidariedade com os pobres e com a própria natureza, são oportunidades de reencontro com o Deus vivo e fortalecimento para a caminhada.³⁷ As igrejas da América Latina têm experimentado, nesse sentido, uma renovação na sua caminhada pastoral que se manifesta na criatividade litúrgica e na hinologia, que impressionam pela sensibilidade e ousadia. As romarias da terra são um belo exemplo. Tais experiências estão alicerçadas num processo teológico cujos desdobramentos de modo algum se esgotaram. Ainda não sabemos que igreja despontará dessa caminhada no futuro.

Para concluir, faço referência aqui a um dos cantos do Novo Testamento que poderia ser símbolo da espiritualidade libertadora. E a escolha é proposital, porque pode assegurar a dimensão ecumênica e espiritual da caminhada missionária. Refiro-me ao *Magnificat*, o cântico de Maria (Lucas 1.46-55), que já mereceu a atenção e estudo da igreja cristã desde muito e talvez deva ser redescoberto:³⁸

*Minha alma engrandece ao Senhor,
E o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador,
Porque contemplou na humildade de sua serva.
Pois desde agora todas as gerações me considerarão bem-aventurada,
Porque o Poderoso me fez grandes cousas.
Santo é o seu nome.
A sua misericórdia vai de geração em geração
Sobre os que o temem.
Agiu com o seu braço valorosamente;
Dispersou os que no coração alimentavam pensamentos soberbos.
Derrubou dos seus tronos os poderosos*

37 Como modesto exemplo, cf. ZWETSCH, R. E. **Vigília** – Salmos para tempos de incerteza. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

38 Cf. LUTERO, M. **O louvor de Maria**. O Magnificat. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

*E exaltou os humildes.
Encheu de bens os famintos
E despediu vazios os ricos.
Amparou a Israel, seu servo,
A fim de lembrar-se da sua misericórdia,
A favor de Abraão e de sua descendência, para sempre,
Como prometera aos nossos pais.*

No *Magnificat* encontramos experiências fundamentais da fé cristã: a percepção da força da graça de Deus, que olha com amor para a humildade de sua serva; o testemunho do agir de Deus na história, que julga os poderosos, derrubando-os de seus tronos, e exalta os humildes, que enche de bens os famintos e despreza os fartos, que jamais esquece suas promessas para com o seu povo. Em sua interpretação do *Magnificat*, Lutero escreveu que este canto é um manifesto da fé evangélica dirigido especialmente aos políticos, líderes, poderosos, a todas as pessoas investidas de autoridade e poder.³⁹ Fazemos bem, portanto, em retomar esse canto e sua inspiração na América Latina. Ele poderá servir como um desafio permanente para que a espiritualidade cristã e missionária permaneça vigilante, crítica e fiel ao Deus de Jesus e de Maria, pois sua misericórdia é de geração a geração sobre os que o temem. É este mesmo Deus que dispersa os soberbos, derruba de seus tronos os poderosos, exalta os humildes, enche de bens os famintos e despede vazios os ricos. A espiritualidade do cântico de Maria, definitivamente, não se deixa amoldar à violência e à injustiça. Maria crê e espera naquele que é fiel às suas promessas desde Abraão! E sua espera não fica restrita às franjas do templo, mas vai com o Filho até a cruz, de onde nascerá uma luz que contraria todos os determinismos, todo e qualquer fechamento da história. Por isso mesmo há que resgatar tal espiritualidade em tempos duros em que a fé é posta à prova e as soluções não se encontram à vista. Talvez, como em tempos passados, estejamos desafiados a crer contra toda a esperança, como aconteceu com Abraão e outros profetas.

39 Cf. BRANDT, 2006, p. 73. Brandt faz uma interessante comparação nesse livro entre as interpretações de Lutero e de G. Gutiérrez a propósito do cântico de Maria. Ele encontra muitas coincidências entre esses dois teólogos tão diferentes e tão distantes no tempo (p. 76-79), mas que faz desse texto um belo ponto de partida ou de chegada para uma *espiritualidade missionária ecumênica*.